

Parte IV - Usted preguntará por qué cantamos

Ana Paula Jesus de Melo

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MELO, APJ. Usted preguntará por qué cantamos. In JACÓ-VILELA, AM., CEREZZO, AC., and RODRIGUES, HBC., orgs. *Clio-psyché: fazeres e dizeres psi na história do Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 133-135. ISBN: 978-85-7982-061-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PARTE IV

USTED PREGUNTARÁ POR QUÉ CANTAMOS

Fins da década de 60, inícios dos anos 70. As ditaduras S.A. da América Latina perseguem, incansáveis, as barricadas do desejo. Tradição, família e propriedade parecem ser o mote para uma progressiva cassação da liberdade democrática. Tremulando sob o nacionalismo das bandeiras da Ordem, os interesses oligárquicos e de empresas multinacionais fazem esquentar a *guerra fria*. Contra o fantasma da foice e do martelo, fuzis, canhões e sórdidas masmorras inquisitoriais.

No rastro das diferenças, perscrutando as mais distintas formas de organização civil —partidos, sindicatos, grupos religiosos, grupos de teatro...—, um vermelho cor de sangue faz cessar, para a maioria dos latino-americanos, os direitos constitucionais do homem moderno ocidental, enquanto a tarja preta da censura cobre de luto a literatura, os jornais, as revistas... os corpos desnudos do sexo e da morte. Vermelho e preto são, então, o grito da moda! “*Cantamos porque los sobrevivientes y nuestros muertos quieren que cantemos!*”

A cada golpe de Estado, preche de atrocidades e ilegalismos, os militares denominam revolução: Bolívia e Brasil, 1964; Argentina, 1966 e 1976; Uruguai e Chile, 1973... Talvez, pensando nos acontecimentos desses longos anos, um certo humor negro justifique o epíteto *revolução* para as ações ditatoriais: a militarização do poder de Estado, literalmente, *revolveu* as tripas de seus supostos oponentes; *revolveu* a terra para ocultar, em covas coletivas, os corpos torturados, carbonizados, desumanizados, de suas vítimas; *revolveu* a moral religiosa, tornando-a medo, ressentimento e vergonha; *revolveu* o ensino, desvinculando geografia e história, suprimindo —ao menos no Brasil— a filosofia dos cursos secundários e introduzindo, em seu lugar, a *educação moral e cívica*; *revolveu* o sistema legal sonhando o direito de defesa àqueles que acusava de traição... Sim,

foram muitas as *revoluções*. Mas foram *también* as brumas de Isabelita — “*Yo no creo en brujas; pero...*” —, tornando “*los aires*” não mais “*buenos aires*” e os sonhos argentinos de liberdade “*lejos como un horizonte*” — abrindo caminho para a política de *desaparición* a ser implantada por Videla (1976)—, que provocaram o êxodo da intelectualidade *psi* portenha para o Brasil da distensão “lenta, gradual e segura” de Geisel. Pois, mesmo para não guerrilheiros, nas ruas dos bairros “*cada noche es siempre alguna ausencia y cada despertar, un desencuentro*”.

Conquanto muitíssimo lenta e assombrosamente gradual, a redemocratização brasileira emergia como uma esperança de porvir frente ao desalento de ter a vida se tornado “*no más que un blanco móvil*”. Embora se sentindo perseguidos, nossos vizinhos platenses volveram a cantar. E a nos cantar para que permanecêssemos, nós também, “*militantes de la vida*”.

A partir de tais encontros, muitos de nós jamais retornarão ao espaço seguro e tépido da neutralidade científica, sequer ao conforto intimista dos divãs. E, mais uma vez, *usted preguntará por qué cantamos*. Cantamos porque, apesar da dor, vislumbramos a grande *plataforma* que nos une às Mães da Praça de Maio, e sabemos, hoje, que “*el cruel no tiene nombre, y en cambio tiene nombre su destino*”. Aprendemos o vasto uso do termo *revolução* e desejamos, nós também, *revolver* a terra, em busca de nossos desaparecidos; *revolver* o ensino para que inclua a história silenciada, para que revivifique a geografia não contemplativa, para que os *Diálogos* possam retornar às salas de aula do secundário —independentemente do interlocutor de Platão—; *revolver* a moral hipócrita da submissão a fim de nos opormos à violência que os índices do desejo construídos por algozes naturalizam (lia Karl Marx, *quer ser torturado/a*; rebola quando anda, *quer ser estuprada/o*; mora no morro, *quer morrer...*); *revolver* o sistema legal para que a justiça própria a um Estado de Direito Democrático seja feita e para que não sejamos obrigados a compactuar com criminosos que clamam pelo esquecimento de crimes paradoxalmente *anistiados* sem terem sido julgados.

Tudo o que nos tiraram ainda chora em nosso peito. E, contudo, cantamos. “Cantamos porque el grito no es bastante (...) y porque no podemos ni queremos que la canción se haga ceniza”.

Ana Paula Jesus de Melo